



João Miguel dos  
**Santos Simões**  
1907-1972

## ANTECEDENTES E MOTIVAÇÕES

**C**onstituindo um património central e fundamental da cultura artística portuguesa, o azulejo foi desde muito cedo entendido como elemento integrado nas arquitecturas, adaptando-se inteligentemente aos volumes e às superfícies e correspondendo-se sempre ao gosto estético e a diferentes solicitações de cada época.

Aproveitado e utilizado à escala monumental em Portugal desde os inícios do século XVI, impôs sempre ao espaço que revestia<sup>1</sup> um carácter modelador e regularizador, para além do seu notável sentido decorativo.

Torna-se hoje inquestionável o valor material e patrimonial deste objecto nas encenações que projectou, nas mensagens que veiculou, ganhando e adquirindo actualmente um estatuto privilegiado de arte pública. Enquanto especificidade da arte portuguesa, o azulejo registou-se na historiografia artística particularmente com mais relevância em

finais do século XIX<sup>2</sup>, adquirindo legitimidade e consciência da sua verdadeira dimensão territorial. Temos ainda em memória obras e nomes como Joaquim de Vasconcelos<sup>3</sup>, Vergílio Correia<sup>4</sup>, José Queirós<sup>5</sup>, Francisco Sousa Viterbo<sup>6</sup> entre muitos outros que, em registos distintos centraram as suas atenções no estudo e nas particularidades do azulejo, iniciando-se paulatinamente uma preocupação inventariante.

Simultaneamente privilegiaram-se os estudos monográficos em paralelo com uma metodologia de fundo positivista. O início do século XX foi desde logo marcado por um

### A BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA A GÉNESE DE UM INVENTÁRIO DO AZULEJO EM PORTUGAL

MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA

*(...) Tenciono cobrir todo o território Continental, região por região, cidade por cidade, aldeia por aldeia, onde quer que haja azulejos a ver ou a rever e quaisquer que sejam as dificuldades de acesso (...)*

*João Miguel Santos Simões,  
25/1/1957, Arquivo Santos Simões, Biblioteca Geral de Arte,  
Fundação Calouste Gulbenkian.*

1 Recordemos a palavra «Adjectivador» da arquitectura, designação recorrente e utilizada por Santos Simões em muitos dos seus textos.

2 É particularmente entre os anos 40 e 50 do século XIX e anos 20 e 30 do século XX que surge uma afirmação da especificidade de estudos artísticos e a procura por vários autores de uma legitimidade científica.

3 É com este autor que a historiografia do azulejo português ganha uma base científica com a decisão em organizar uma Exposição de Cerâmica no Porto (1883) e reunir vários documentos inéditos, trabalhos que o levaram a editar no início do século XX (1908) nas Notas sobre Portugal um apontamento sobre «Arte Decorativa em Portugal».

4 Interessado sobretudo na pesquisa documental e empenhado na descoberta de obras e na identificação de autorias. Vejam-se: «A Família Oliveira Bernardes, uma grande escola de pintura de azulejos (1.ª metade do século XVIII) na Revista *Águia* em 1917 seguindo-se em 1918 e 1919 «Oleiros e pintores de azulejo: olarias de Santa Catarina e Santos» e «Oleiros Quinhentistas de Lisboa».

5 Oficialmente encarregado em 1916 de organizar a primeira inventariação dos azulejos existentes em Portugal, trabalho que não teve consequências devido à sua morte. Não esqueçamos as suas importantes obras sobre Cerâmica logo no início do século «Faiança de Massarelos» na Revista *Serões* (1905) e *Cerâmica Portuguesa* (1907), obra reeditada e actualizada pela editora Presença em 1987.

6 Este autor publica pela Associação dos Arqueólogos de Lisboa: *Cerâmica Lisbonense nos princípios do século XVII* (1922), e «A Quinta dos Azulejos» em *O Instituto* (datado de 1909 mas com edição posterior).

desenvolvimento de trabalhos sobre a «nacionalidade» da arte, gerando um forte discurso de pendor nacionalista.

O interesse e a vontade em compilar informação fundamentalmente sobre a forma de cadastro e catalogação de obras do património português foi uma preferência primordial como sabemos durante o Estado Novo, mais especificamente a partir de 1943 com a decisão do então Presidente da Academia de Belas-Artes, Reinaldo dos Santos em iniciar a publicação do *Inventário Artístico*<sup>7</sup> (arquitectónico, arqueológico, móvel e documental de Portugal) obra monumental, que resultou na edição de sete distritos, agrupados em XIII tomos.

O estudo e o interesse pela arte do azulejo ganhavam paulatinamente os seus contornos, carecendo-se todavia de uma obra geral e de perspectiva mais ampla sobre a sua história, análise e evolução.

Até aos anos 50 do século XX desenharam-se duas estratégias no estudo desta arte: uma de tónica mais nacionalista e de cariz positivista e, uma outra de rigor metodológico. Integrado quase sempre numa preocupação e motivação de índole pessoal – assumida como vimos por diferentes estudiosos da arte portuguesa – a inventariação do azulejo foi assim ganhando espaço enquanto consciência de uma especificidade artística nacional. A ruptura fundamental ocorrerá, quando dentro do predomínio das abordagens mais circunscritas, surgem questões e problemas mais globais, numa escala que passa concretamente pelo inventário, pela arrumação de épocas e estilos e, por fim, pela identificação de obras e de artistas.

### O ESPÍRITO E FUNCIONAMENTO DA «BRIGADA» (1957- 1969)

No dia 25 de Janeiro de 1957<sup>8</sup> o Engenheiro João Miguel Santos Simões dirige uma carta de apresentação<sup>9</sup> ao presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, o Doutor Azeredo Perdigão, onde expõe aspectos pessoais e relevantes da sua vida passada e presente. Apresenta de forma clara e sucinta os seus propósitos, as suas intenções e a ideia central que moverá todo um projecto pessoal: a realização de uma obra total sobre azulejaria e, fundamenta «mais do que um livro de Arte, pretende ser um livro para a Arte»<sup>10</sup> com a proposta desta instituição patrocinar aquilo a que Santos Simões designou como o *Corpus da Azulejaria Portuguesa*.

A partir deste momento estabelece-se uma relação muito forte e um diálogo intenso que durará até ao início dos anos 70 entre a instituição e a figura de Santos Simões.

7 «O objectivo destes volumes é precisamente dar de cada distrito a indicação da existência e um resumo descritivo das principais obras encontradas e classificadas...» Cf. *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre* (por Luís Keil), vol. I, ANBA, Lisboa, 1943, pág. vi).

8 O ano de 1957 foi também a data da publicação da obra de Reinaldo dos Santos, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Editorial Sul Limitada.

9 A sua apresentação foi devidamente credenciada pelo Dr. João Couto, o então Director do Museu Nacional de Arte Antiga. Seguem-se nos anos seguintes 1958, 1959, 1960 outras cartas que dão continuidade a este assunto.

10 FCG/BA, *Colecção Santos Simões*, Dossiê n.º 2.

Este engenheiro têxtil de formação, homem de saber e de muitas curiosidades formula um projecto e um ambicioso programa que pretende cumprir em vários anos com a ajuda da Fundação: o plano geral compunha-se de duas partes; o corpus propriamente dito e uma serie de monografias. O corpus compreenderia cinco volumes: *Introdução ao estudo da Azulejaria Portuguesa*, *Azulejaria nos séculos XVI e XVII*, *Azulejaria Portuguesa nos séculos XVIII e XIX*, *Azulejaria Portuguesa nos Açores e Madeira* e a *Azulejaria Portuguesa no Brasil*.

Faz uma planificação do trabalho e apresenta as condições materiais. Tenciona estudar os núcleos insulares e brasileiros prevendo deslocações em Abril e Maio de 1958 à Madeira, em Maio e Agosto ao Brasil a convite da Universidade do Recife e, em Janeiro e Fevereiro ao Arquipélago dos Açores. Esta sua intervenção alarga-se à organização de cursos e visitas de estudo, à realização de conferências e palestras e à peritagem de obras de cerâmica, com a finalidade de salvaguardar e valorizar o azulejo. Neste sentido, a Brigada também se preocupou e desenvolveu uma importante acção de restauro de painéis de azulejo em Portugal e no Brasil.

Neste âmbito, e tendo consciência do trabalho gigantesco que pretende levar em frente, já em parte amadurecido: «Desde há muitos anos que venho estudando um plano de trabalho descendo aos mais pequenos pormenores previsíveis que tenho particularmente em pensamento o melhor aproveitamento do tempo (...)»<sup>11</sup> E, aliado à sua proposta, sugere a criação de uma equipa ou brigada de estudos de Azulejaria (assim designada por ele) que sob a sua orientação possa dividir o trabalho e torná-lo mais eficiente. A ideia subjacente era efectuar um rastreio sistemático e a recolha de elementos informativos sobre a azulejaria em Portugal, podendo assim conhecer, avaliar e preservar o seu valor: «Terei necessidade de rever os núcleos já por mim estudados há anos, já que entretanto adquiri conhecimentos mais vastos e que alteram possivelmente os critérios de classificação e juízo crítico de então... Terei que consultar arquivos paroquiais, informar-me *in loco* sobre a história dos edifícios para levar mais longe as premissas heurísticas que permitem alicerçar com mais segurança este estudo (...)»<sup>12</sup>

Chama a atenção para as deslocações, solicitando um motorista, carro e uma secretária. Tenciona fixar «centros de irradiação» durante o tempo necessário e anexa material burocrático e credenciais a fim de facilitarem o estudo dos vários núcleos.

Todo este projecto acolheu o maior entusiasmo por parte da Fundação Calouste Gulbenkian confirmada pela sucessiva e constante correspondência trocada. Firmou-se um contrato entre ambos e estipularam-se regras e intenções.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>13</sup> Em alguns Extractos de Actas consultados existentes no Arquivo Histórico da Presidência da FGC (a quem dirijo um sincero agradecimento pela facilidade e disponibilidade deste material), o assunto: *Brigada de Estudos de Azulejaria* foi recorrente, passando por aqui toda a situação do Eng.º Santos Simões para com a Fundação Calouste Gulbenkian e a concretização do *Corpus* da Azulejaria Portuguesa. Sob o ponto de vista das relações jurídicas entre as duas partes passou-se na realidade para uma prestação de serviços num regime de avença com direitos e obrigações recíprocos e devidamente definidos.

Com a criação da *Brigada de Estudos de Azulejaria* institucionalizou-se a situação de Santos Simões junto da Fundação, onde este apresentaria regularmente relatórios sobre o seu trabalho e as actividades que ia desenvolvendo, passando a ser pago pela Fundação enquanto «bolseiro» e dependendo do Serviço de Belas-Artes.

Santos Simões desenha uma metodologia de trabalho em rede, ordena o rastreio geograficamente e inicia os trabalhos da *Brigada* pelo Sul (Algarve).

A metodologia utilizada compunha-se de várias fases, sendo a localização dos núcleos uma das primeiras: «Tracei na Carta de Portugal as regiões a visitar, limitando-as com precisão geográfica servindo-me da experiência de quase 20 anos de peregrinações (...). Este processo era acompanhado pela formalização no envio de questionários, inquéritos e credenciais aos Párocos das Igrejas, às Câmaras Municipais solicitando a colaboração nesta ciclópica tarefa de «descobrir» azulejos.

O passo seguinte consistia na deslocação aos locais, verificado os dados recolhidos, fazendo o levantamento das informações e o registo fotográfico.

Para esse apuramento, levantamento e registo dos núcleos azulejares, criou três modelos de ficha que designou por A, B e C.

A ficha A continha diferentes campos para preenchimento: localização, época, aplicações, assuntos.

A ficha B eram as fichas de essência para o *corpus*, adaptáveis a um texto de especialidade, onde se fazia o desenvolvimento do objecto em análise, tornando-se indispensável aqui a definição objectiva do que se entendia por *corpus*, (ideia de compilação, estudo sistemático, tendo em atenção a definição de critérios de análise).

A ficha C, também designada por ficha Índice, sumariava a ficha B.

A última fase consistia na compilação e organização de todo o material: (...) uma vez terminado o «rastreo» dos núcleos azulejares, seguir-se-há um segundo período, ou seja o trabalho de gabinete, com a ordenação das matérias, sua sistematização e estudo, já com vista à publicação do *corpus*»<sup>14</sup>. Nesta fase eram elaboradas fichas de texto para cada edifício inventariado que estavam relacionadas com um ficheiro geral de índices, constituído por fichas temáticas com várias entradas (azulejos mitológicos, datados, religiosos, ornamentais, legendados, figurados, distinguindo um ficheiro mais amplo designado por Iconográficos, onde se inseriam (azulejos didácticos, caçadas, paisagens, mitológicos, alegóricos, Porteiros<sup>15</sup>).

Todas as fichas seguiam o critério de ordenação topográfica, com a enumeração dos núcleos estudados por localização dentro das respectivas compartimentações geográficas e administrativas. Também já em gabinete, as fichas eram dactilografadas por uma

14 FCG/BA, *op. cit.*

15 Foi esta a terminologia pensada por Santos Simões para a especificidade tipológica das tão conhecidas «Figuras de Convite»; um género artístico cientificamente delimitado em relação às outras criações azulejares portuguesas do século XVIII. Sobre este assunto consulte-se o estudo inovador de Luísa Arruda, *Azulejaria Barroca Portuguesa – Figuras de Convite*, Lisboa, 1993



AZULEJOS ICONOGRAFICOS PASTORIS

Localização: EVORA

Edifício: Liceu (antiga Universidade)

Tipo: painéis figurados azuis

Dimensões:

Época ou data:

Descrição:

Cliché N.º

AZULEJOS ICONOGRAFICOS ALEGORICOS

Localização: EVORA

Edifício: Liceu (antiga Universidade)

Tipo: alegorias às partes do mundo

Dimensões:

Época ou data: 1747

Descrição:

Cliché N.º

547 (X) Colecção  
D. Duquesa AZULEJOS  
EVORA

Liceu (Antiga Universidade)

Tudo considerar-se um verdadeiro museu de azulejo sendo principalmente notáveis os do século XVIII.

Século XVII: Apenas se encontram restos na velha sala dos actos. Eram painéis muito decorativos policromos, coloridos em amarelo, verde e azeitunado, representando guerreiros e animais. Modernamente compoem-se esta sala com azulejos copiados dos antigos e instalando outros um tanto fantasistas. (Foto 11/6/67)

Século XVIII: Esta coleção preciosa sob mais do que um aspecto necessita de ser devidamente analisada. Podemos dividir os azulejos em duas partes, começando-se deitavam à galeria do claustro ou à sala de aula. Os primeiros são simples do tipo de vasos e balaustras, havendo à entrada da sala dos actos figuras de porteiros (Foto 11/6/67).

Os azulejos da entrada são do tipo dos das salas de aula, isto é pilares históricizados. Estes que são de facto muito curiosos apresentam cenas e paisagens chi-nesas cujo desenho é incontestavelmente inspirado na louça daquela procedência.

(11) Porque esta coleção o merece farei a descrição sala por sala, começando pelas que se encontram à direita de quem entra no claustro.

Sala IV e V (Secretaria e reitoria) – Parece que teria sido a antiga sala de filosofia. Julgo porém que a decoração indica ter-se tratado de aula de geografia. Estas salas estão divididas e que provoque a mutilação de alteração de alguns painéis. O aliar está, como alias em quasi todas as aulas, cortado pela bancada que corre ao longo da parede. Na parte inferior encontram-se as representações de coloração azul e azeitunada. Os da parte superior de alizar. São historicizados e datados de 1747. Representam as partes do mundo – EUROPA, ÁFRICA, ÁSIA e AMÉRICA e os elementos – FOGO, AR, TERRA e AGUA. Na sala de painéis onde se lê VERA e VERDA, provavelmente querendo representar o Verão e Inverno. Estes painéis continuam-se no compartimento junto onde estão a primavera e o outono. São particularmente curiosos os painéis dos elementos e destes o da Água, representando uma fíria sobre as ondas e vendo-se uma nau.

Na sala da Reitoria os pilares parece não terem significação especial, mostrando paisagens de tipo vulgar e holandês. *Na minha foto 11/6/67*

Sala IV 12 – Seria a aula da ciência (?). Os azulejos alegóricos dos painéis parecem obedecer a um tema genérico se bem que não se compreenda perfeitamente qual ele seria. Assim, um deles tem a legenda ACTUS-ILLUMINUS-ET-VERITAS, e tem uma cena de cavalos. Outro lê-se SOLUS-SUMMA-VERITAS tendo uma figura central representando o Sol. O terceiro mostra parece querer representar-se a criação do mundo.

secretária-adjunta, Maria Isabel Ribeiro Marques<sup>16</sup>, que pertencia ao quadro da Fundação e que fazia parte da equipa da *Brigada*, sendo a parte gráfica e toda a execução dos desenhos realizada pelo pintor Emílio Guerra de Oliveira que assumia a função de assistente-artístico.

Esta estrutura de inventariação pressupunha uma arrumação temática dos núcleos azulejares registados, servindo de grelha para a respectiva edição do *Corpus* da Azulejaria. Pela primeira vez estabeleciam-se cronologias e tipologias de análise para toda a azulejaria portuguesa. Por volta de 1968<sup>17</sup>, estava concluída a cobertura territorial de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Brasil, inventariados e estudados cerca de 3 000 núcleos, sendo estes documentados com mais de 10 000 fotografias, desenhos e aguarelas.

Todo este volume de material recolhido foi transferido a partir de 1965 para várias dependências em instalações pertencentes à própria Fundação Calouste Gulbenkian, um imóvel fronteiro à sede, sito na Avenida de Berna, n.º 56, 8.º andar, hoje desaparecido. É possível detalhar em pormenor a variedade e a multiplicidade da documentação existente na *Brigada* quando se procedeu ao seu inventário no dia 4 de Dezembro de 1969<sup>18</sup>. Existiam três dependências demarcadas designadas por *Gabinete do Senhor Eng.º Santos Simões*, neste local existiam para além de estantes, mesas, secretárias, alguns painéis cerâmicos pendurados na parede, vários ficheiros metálicos, (...) livros da especialidade, pertencentes ao Senhor Eng. Santos Simões, e da colecção de Apontamentos – cadernos de viagem, encontram-se 26 dossiês, de cartão hidráulico a saber (...) um mapa de Portugal Continental, onde estão localizados todos os núcleos estudados de Azulejos, assinalando o exaustivo rastreio da *Brigada de Estudos de Azulejaria* (há ainda ali disponíveis para utilização, 33 mapas de Portugal) (...)

As outras duas divisões eram constituídas pelo *Gabinete – Secretaria* e o *Gabinete – «atelier»* com material diverso, desde desenhos que serviam para ilustrar os tomos em fase de publicação, caixas de arquivos, prateleiras, ficheiros de gavetas, armários-estantes, entre muitas outras coisas.

Paralelamente à materialização do *corpus* e à inventariação dos núcleos, a *Brigada* editou em 1963 duas importantes monografias, ambas da autoria de Santos Simões: *Da Montagem e Apresentação museológica de Azulejos* e a *Quinta das Bicas os seus Azulejos e o Dr. João Cabral de Melo*.

16 No espólio Santos Simões consultado na Biblioteca Geral de Arte da F.C.G encontramos com muita frequência referência a este nome. Destaca-se uma notícia de jornal não datada intitulada *Preservação de Palácios e outros edifícios pré-pombalinos*, noticiando «a descoberta devido a D. Isabel Ribeiro Marques assistente da *Brigada de Azulejaria* de um grande revestimento assinado por Bartolomeu Antunes de 1736 na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Oliveira, freguesia de N. Senhora de Oliveira em Matacães». Dossiê n.º 11 BGA. FCG.

17 Material que esteve na base da publicação do *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, obra que resultou em cinco volumes e algumas monografias complementares, na sua maioria inéditas: Destes trabalhos, destaca-se: *Carreaux Céramique Hollandais au Portugal* (1959); *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira* 1963; *Azulejaria Portuguesa no Brasil* (1965); *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI* (1969); *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (1971); e o livro póstumo, *Azulejaria em Portugal no século XVIII* (1979).

18 FCG/BA, *op. cit.*

AZULEJOS ICONOGRAFICOS CAÇADAS

Localização: EVORA

Edifício: Liceu (antiga Universidade)

Tipo: painéis figurados azuis

Dimensões:

Época ou data:

Descrição:

Cliché N.º

AZULEJOS ICONOGRAFICOS DIDACTIVA

Localização: EVORA

Edifício: Liceu (antiga Universidade)

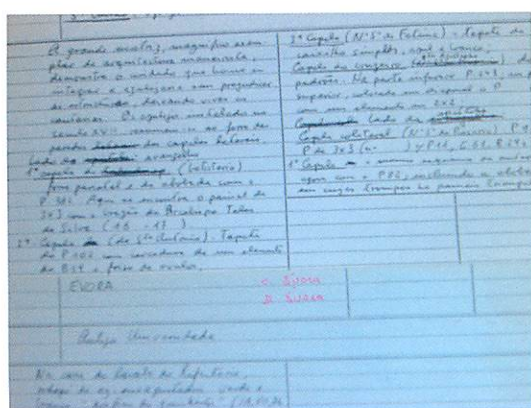
Tipo: painéis figurados azuis

Dimensões:

Época ou data: 1747

Descrição:

Cliché N.º



Arquivadores e exemplos de fichas da *Brigada de Estudos de Azulejaria*, Fundação Calouste Gulbenkian.

A par de uma preocupação prática, efectiva e concretamente operativa, a *Brigada de Estudos de Azulejaria* pretende alargar a sua extensão, e transformar-se organicamente numa fase posterior. Em Janeiro de 1963, e pela primeira vez, Santos Simões num memorial escreve que «uma vez concluídos os trabalhos externos de rastreio e colheita... deixa de ter sentido o apelativo «Brigada» – por definição móvel e passageira – para o trabalho de transformar em «Gabinete» ou mesmo «Centro de Estudos de cerâmica decorativa»<sup>19</sup>. Uns meses depois a 23 de Outubro de 1963 em carta dirigida à Presidência da Fundação formaliza esta ideia de fundar um Gabinete de Estudos de Azulejaria, chegando mesmo a candidatar-se a Director do mesmo<sup>20</sup>. Denota uma outra preocupação, mais clara, em adquirir uma situação definida no seio da Fundação ao mesmo tempo que continua a verificar-se que o tempo vai passando sem que se veja concretizado o compromisso que tomara de, pelo menos, iniciar a publicação do *Corpus* dentro das linhas gerais constantes do plano inicial que apresentara.

Entre os anos 67 e 69 torna-se particularmente notório que a *Brigada de Estudos de Azulejaria* já não fosse a melhor solução para se prosseguir na elaboração e publicação do *Corpus*. Naquilo para que teve utilidade, tinha cumprido já o seu dever.

Em termos oficiais a *Brigada* foi extinta a 1 de Dezembro de 1969.

## **METODOLOGIA(S) DO INVENTÁRIO EM AZULEJO.**

### **DESENVOLVIMENTOS RECENTES**

Como vimos a *Brigada de Estudos de Azulejaria*, revelou-se um projecto eficiente na metodologia utilizada para um levantamento sistemático e organizado do Património do Azulejo à escala nacional e atlântica.

Decorridos 38 anos sobre a sua extinção, podemos questionar a importância de um trabalho deste teor que persiste como uma referência, pelos instrumentos de análise que contemplou, e pela própria estrutura que criou, revelando e sugerindo os aspectos formais, iconográficos, estéticos e decorativos numa visão e leitura integrada do património azulejar. No entanto, apesar dos evidentes esforços – o caso do Museu Nacional do azulejo tem sido exemplo – ainda, nos deparamos hoje com uma complexidade de questões:

- A carência de uma revisão continuada no sentido de testar e verificar no terreno a existência actual dos conjuntos levantados por Santos Simões.
- Um estudo crítico e o levantamento circunstanciado da azulejaria em Portugal e consequentemente no Brasil para alguns períodos cronológicos (sobretudo o século XIX) continua por fazer, persistindo como uma área de investigação em aberto que conta à partida com grandes dificuldades não só ligadas à perda de conjuntos em decorrência de demolições, roubos, transferências, como de restauros não sistematizados,

<sup>19</sup> FCG/BA, *op. cit.*

<sup>20</sup> Não consta no processo, que se tenha dado qualquer resposta ou seguimento a esta proposta.

- constatações que nos continuam sempre a colocar o problema considerável das metodologias mais aprofundadas, mais eficazes ou mais urgentemente necessárias.
- A escassez de uma reflexão sobre normas e metodologia para o desenvolvimento e aprofundamento de um trabalho de inventário e classificação<sup>21</sup>.
  - A inexistência de uma rede de trabalho articulada, no que diz respeito à inventariação do Azulejo levado a cabo por instituições que tutelam e trabalham com património edificado.
  - Um trabalho ainda pouco (articulado) entre diferentes profissionais e instituições numa procura sistemática do património em azulejo<sup>22</sup>.

Atentos e cada vez mais conscientes de que a inventariação do azulejo implica uma articulação pluri-institucional num projecto bem orientado para onde possam cada vez mais convergir os saberes já produzidos, projectou-se a criação, em conjunto com o Museu Nacional do Azulejo, a Fundação Calouste Gulbenkian e outras instituições universitárias do país, um *Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Portugal Continental*<sup>23</sup> com o objectivo de constituir repertórios temáticos e iconográficos, que desse cobertura à totalidade do país numa distribuição que se deverá reger pelas existências já conhecidas de azulejo em cada um dos concelhos numa articulação entre as Universidades, e outras instituições tais como Autarquias, Museus e Fundações. Com este projecto, iniciado em Outubro de 2005 previsto até Outubro de 2007 e com a aprovação financeira da Fundação para a Ciência e Tecnologia, – que envolveu equipas de bolsheiros a trabalhar no terreno – procurou-se recuperar a antiga ideia de *Brigada* seguindo um registo do azulejo *in situ*, apoiado na terminologia e procedimentos normativos para a sua inventariação.

Para o efeito criou-se uma ficha de inventariação prévia para conjuntos de azulejos *in situ*, a preencher pelos inventariantes nos locais e cujo conteúdo fornece os dados

21 Contudo, um importante trabalho já realizado está traduzido nalgumas boas experiências de reflexão sobre estas questões. Tem sido especificamente no Museu do Azulejo que se tem procurado investir em meios e saberes adequados à Inventariação do Azulejo, numa reflexão sobre metodologia e inventariação, quer assumido como peça museológica, quer como conjunto integrado as arquitecturas. Vejam-se: Paulo HENRIQUES, «A Inventariação e Classificação do Património m Azulejo» in Revista *Azulejo*, 8/11, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, 2000-2003, pp. 53-59, e *Normas de Inventário. Cerâmica de Revestimento* (coord. Teresa Campos), Instituto Português de Museus, Lisboa, 1999.

22 Pela avaliação de importantes trabalhos levados a cabo por diferentes instituições deparamo-nos actualmente perante sistemas isolados. A Inventariação do Azulejo têm sido integrada e levada a cabo por instituições que tutelam e trabalham com património edificado. Refiro-me à então designada Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (a DGE MN) sob a tutela das Obras Públicas com o projecto interdisciplinar de Inventário do Património Arquitectónico alimentada de forma continua desde 1990 e, a realização de uma listagem de termos devidamente arrumada por tipologias formais sujeita à construção de um glossário referente à terminologia específica deste suporte artístico (uma espécie de *thesaurus* ainda em fase de construção). Também o então denominado IPPAR sob a tutela da Cultura leva a cabo uma estrutura de registo de conjuntos mantidos nas arquitecturas. Igualmente a Direcção de Serviços de Inventário do Instituto Português de Museus cumpre a inventariação do Património Móvel com o Programa Matriz, gerindo colecções de peças. Todas estas diferentes bases de dados fazem o uso das novas tecnologias, divulgadas e disponíveis *online*.

23 *Inventário do Património em Azulejo do século XVIII em Portugal Continental. Constituição de Repertórios Iconográficos* POCTI/HAR/45609/2002. Entidades proponentes: Universidade Aberta; Fundação Calouste Gulbenkian; Museu Nacional do Azulejo- Colaborações e Parcerias: Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património; Universidade de Coimbra – Instituto de História de Arte; Universidade de Évora – Centro de História de Arte, Universidade do Algarve – Departamento de História e Património -

necessários para o preenchimento da ficha normalizada do Programa Matriz<sup>24</sup> que contempla campos de identificação dos conjuntos tais como: a caracterização técnica, o registo fotográfico, localização no edifício, descrição, referências bibliográficas e outras informações complementares.

A estrutura desta ficha possibilita a inclusão de outros bens patrimoniais *in situ*, nomeadamente os conjuntos de azulejo, podendo, logo que houver conteúdo e se entender conveniente, ficar disponíveis em rede e na Matriznet, acessível ao público em geral.

A revisão deste *Corpus* do Século XVIII, verificando a existência actual dos conjuntos levantados por um lado e a sua actualização no preenchimento exaustivo com exemplares não referenciados por outro, permitirá completar este Inventário iniciado como vimos por Santos Simões.

Este projecto impõe fundamentalmente uma estrutura de inventário que se manterá sempre em contínua actualização das fichas dos conjuntos registados, permitindo articulações transversais, segundo pesquisas de cronologia, áreas geográficas, elencos iconográficos, centros de fabrico, autorias, tipologias arquitectónicas, em suma, mecanismos de busca que enriquecerão extraordinariamente as potenciais leituras.

Em síntese, o inventário do azulejo deverá forçosamente permitir e fornecer matéria de reflexão em áreas do saber tão diversificadas como a História de Arte, História da Cultura e das Mentalidades, Sociologia, Antropologia, Museologia, Conservação e Restauro, Preservação de Patrimónios construídos e urbanos. Talvez não estejamos muito distantes da ideia que sustentou todo o projecto forjado por Santos Simões enquanto historiador do azulejo.

Acreditamos, que uma inventariação exaustiva acompanhada de estudos e desenvolvimentos parcelares do património em Azulejo, uma real atenção às existências actuais e estado de conservação, o acesso deste sistema, quer às Autarquias, quer às Universidades e outras instituições (no sentido de permitir a integração de mais informação, numa «banda larga») – tornar-se-á em breve um campo de trabalho para futuras e sucessivas gerações de historiadores de arte e outros estudiosos trabalharem.

Só assim se poderá entender e conceptualizar que o Inventário continua a ser um instrumento transversal de aprofundamento e de reflexão teórica e uma estrutura em permanente actualização.

24 O Programa Matriz foi desenvolvido pelo Instituto Português de Museus tendo em vista o tratamento documental das colecções através de fichas de inventário de peças quer dos acervos dos Museus quer de colecções privadas e que podem ser consultadas segundo diferentes estratégias de pesquisa. Cf. <http://www.matriznet.pt>